

AMANHÃ, PSICANÁLISE! O TRABALHO DE COLOCAR O TRATAMENTO NO PACIENTE

¡MAÑANA, PSICOANÁLISIS! EL TRABAJO
DE INSTALAR EL TRATAMIENTO EN EL PACIENTE

TOMORROW, PSYCHOANALYSIS! THE WORK
OF ESTABLISHING THE TREATMENT WITHIN THE PATIENT

Resenha redigida por: Maria Liane Porn Dutra
Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre /Serra
0009-0005-8046-3156
Correio eletrônico: lianeporn@hotmail.com

Data de Recebimento: 29 -09-2025
Data de Aceitação: 05-10 - 2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Porn Dutra M. L. (2025) AMANHÃ, PSICANÁLISE!
O TRABALHO DE COLOCAR O TRATAMENTO NO PACIENTE
Intercambio Psicoanalítico 16 (2),DOI: 10.60139/InterPsic/16.2.15
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

AMANHÃ, PSICANÁLISE! EO TRABALHO DE COLOCAR O TRATAMENTO NO PACIENTE

Resenha redigida por
Maria Liane Porn Dutra¹

Leonardo Adalberto Francischelli
Ano 2025 (2a ed.) - 154 páginas
Editora Escuta. São Paulo

¹Psicanalista, membro pleno do
Centro de Estudos Psicanalíticos de
PA/Serra, Brasil.

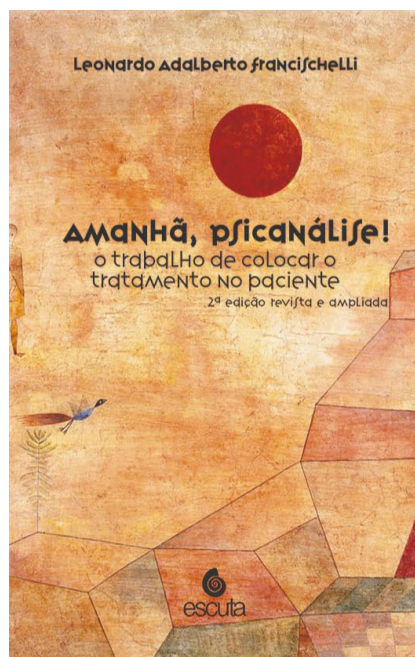
Freud, preocupado com os rumos que a sua teoria poderia tomar no mundo através dos tempos, tratou de indicar que sua nova ciência não era um ramo da medicina nem da psicologia. Ou seja, manejos em direção da cura médica e da ajuda psicológica não caberiam no seu propósito. Abria, assim, um universo novo chamado psicanálise, sustentado em um tripé que o manteria interminável.

Nesta direção, nasce o livro de Leonardo Francischelli, *"Amanhã psicanálise! O trabalho de colocar o tratamento no paciente"*.

Indo na contramão de responder como um manual de técnica psicanalítica, o autor divide o livro em tópicos fundamentais que levam os psicanalistas a se interrogarem sobre a prática de cada um. Inicia recuperando as características intrínsecas à psicanálise, como a sua impossibilidade de padronização. Um terreno que exige movimentos cuidadosos, com o objetivo de evitar escorregões narcísicos, certezas e outros tropeços. O livro é apresentado sob a forma de um retorno às recomendações freudianas, perpassando pontos fundamentais, como as entrevistas preliminares, por exemplo. Diz tratar-se de um tempo de extrema importância, por carregar algo que nomeia como ferida narcísica: quando um psicanalista é procurado por alguém que não mais consegue encontrar sozinho o alívio para os sofrimentos. Um momento de grande desamparo.

Outro ponto fundamental é o acento colocado, já de início, no que se refere ao número de sessões semanais. Atribui a esse ponto uma bela metáfora: comenta que trabalhar com ferro só é possível se o mesmo estiver aquecido. Assim segue, de forma poética, seu direcionamento à obra de Freud. Destaca uma recomendação muito importante, que protege a psicanálise e os psicanalistas de leis universais: *"esta técnica é a única apropriada à minha individualidade"*. É algo que se dá no caso a caso, no um a um, aquilo que se adquire via transmissão e não identificação. Aliás, é outro tema que o autor aborda: os riscos das identificações com o analista.

¹Freud Volume 12 Imago p. 125



Para iniciar qualquer tratamento, Francischelli nos fala da importância genuína de abrir, primeiro em si, no analista, espaço para cada novo trabalho. Adverte, também, que as palavras utilizadas merecem extremo cuidado por parte dos psicanalistas, desde o contrato. Lembra que as palavras carregam a força que organiza o vínculo, e que não devemos aplicá-las mal, como por exemplo: indicar um número de sessões ou um valor de honorários, e, no momento mais resistencial do paciente (e por que não do analista?) voltar atrás, desconsiderando o combinado. Nesses casos, a palavra acaba tendo uso apenas burocrático. Ao contrário, seria no lugar de atender a demanda, desdobrar seus sentidos.

No início do livro o autor organiza alguns pontos que considera fundamentais para colocar o tratamento no paciente, são eles:

- 1) Ruptura narcísica
- 2) Estruturas
- 3) Contrato
- 4) Tratamentos.

Seria uma estrutura que aponta os momentos ou etapas que levariam a uma relação analítica. O autor abre cada ponto citado e os examina em profundidade. No primeiro ponto, observa como se dá a chegada de alguém à análise, até a sua entrada em análise propriamente dita. Paciente e analista, cada um a seu modo, cada um ocupando sua posição, marcada pela assimetria/simetria, lugares absolutamente necessários, tão bem expressos na regra da associação livre e da atenção flutuante. Ou seja, tanto um quanto o outro é parte de um contrato cujo acordo é retomado quando as resistências insistem em atacar as combinações. Aí já temos os lugares simbólicos, nosso ponto de basta. Neste contexto está colocado que, na quebra narcísica, a expectativa que o paciente coloca sobre o saber que teria o analista em relação ao seu sofrimento é questão fundamental na chegada. O analista percebe que esta chegada carrega uma *“ruptura narcísica que significa um ataque uma fragmentação no si mesmo, desequilibrando o existir no mundo. Esse episódio tira o chão do sujeito”*². Momento este em que o autor percebe que a entrada do analista está admitida.

No segundo ponto, a partir do sofrimento como causa precipitadora, os lugares de cada um vão se especificando. Contudo, lugares nada fáceis de ocupar, conclui e novamente recorre a Freud, com seus avanços apresentados pelo desenvolvimento de conceitos como: inconsciente, transferência, repetição, resistência, pulsão e tantos outros que sustentam, através da teoria, a prática clínica.

No ponto dedicado ao diagnóstico vamos encontrar também o contrato. Diagnóstico e contrato, um incidindo sobre o outro. Comenta as contribuições de Piera Aulagnier, citando Freud *“... o diagnóstico virá transferido na palavra pronunciada pelo paciente”*³.

²Francischelli (2025), p. 35

³Francischelli (2025), p. 38

Pela palavra também passa a regra fundamental: a fala de um e a escuta do outro. Os textos de apoio, utilizados por Francischelli nestas passagens, remontam à “Dinâmica da transferência”⁴, combinado que seja revelado ao analista tudo que vier à mente do paciente. Outros textos ainda mencionados neste capítulo são: a terceira das “cinco conferências sobre psicanálise” e as recomendações de Freud extraídas de “A interpretação de sonhos”. Em todas estas passagens examina como o inconsciente carrega sua verdade e compara a uma viagem: *“uma viagem que é orientada pelo inconsciente, na qual tanto o paciente como o analista estão envolvidos - inconsciente como produto da presença de ambos no enquadramento”*⁵. Contudo, adverte que o funcionamento estará intimamente ligado ao ponto já descrito acima que é o contrato. Ou seja, uma análise se faz num conjunto de pressupostos que o tempo todo perpassam o lugar que o autor denomina de sala de análise. Operação dentro de uma lógica cuja formalidade é puramente ilustrativa, pois os pontos descritos estão sempre em movimento. Francischelli apresenta um livro fora de qualquer cronologia; os pontos destacados interagem o tempo todo. A cada nova sessão novos deslocamentos são produzidos, movimentando e reaquecendo os motores, e assim retomando a viagem, a princípio sem um ponto de chegada, apenas *conexões* que abrem novas rotas.

Destaca também critérios que julga fundamentais na psicanálise e vai percorrendo um a um. O próprio termo que escolhe, o “trabalho” de colocar o tratamento no paciente, remonta à sua ideia de que, para que aconteça uma análise é preciso contar com o trabalho do analista, trabalho no sentido de vencer suas próprias resistências, do contrário, aponta que a resistência do paciente somada à do analista inviabilizaria a análise. Ainda sobre a escolha do termo trabalho, retoma novamente Freud, com seu “trabalho do sonho”, desdobrando no “trabalho da representação”, e no “trabalho da condensação”, forças que colocam o aparelho psíquico em movimento,

O livro apresenta, ainda, através da psicanalista Sueli Souza dos Santos, um importante prefácio na primeira edição, que faz laço com a formulação do termo trabalho, de tornar-se analista: “ser ou não ser analista, é uma questão que não é concernente à instituição formadora, mas, antes de mais nada, ao compromisso que cada um assume frente a sua própria verdade enquanto ser”⁶.

Na segunda edição do livro, os comentários da psicanalista Margarida Viñas nos fazem observar que o futuro está colocado no Amanhã, psicanálise!. Se Francischelli retorna à Freud, é para que o futuro esteja sustentado em um terreno que suporta o avanço.

Então, chegamos ao final da leitura do livro Amanhã, psicanálise!, e percebemos que Francischelli explorou os textos freudianos, escritos há mais de 100 anos e ainda de grande atualidade. Eles acompanham as transformações sociais, e as exigências que os novos tempos convocam, como as questões de gênero, raça, política, religião, e outras tantas. A teoria fornece aos psicanalistas alguns meios para se posicionar em relação aos acontecimentos que marcam a sua época.

4Freud, S. (1912) Sobre la dinámica de la transferencia. In: Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu, 2013. Vol XII.4 Freud, S. (1912) Sobre la dinámica de la transferencia. In: obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 2013. Vol XII.

5Francischelli (2025), p. 43

6Francischelli (2025), p. 17

Para finalizar, podemos citar uma passagem dos Escritos, quando Lacan elogia alguns gigantes considerados clássicos em nossa história, e diz o seguinte: .. "Pois nem Sócrates, nem Descartes, nem Marx, nem Freud podem ser superados, na medida que conduziram suas investigações com esta paixão de desvelar que tem um objeto: a verdade."⁷. Lacan conclui o pensamento citando um poema de Max Jacob, onde diz: "o verdadeiro é sempre novo!".

Assim lemos o livro de Francischelli, que ao revisitar a obra freudiana nos apresentou um texto surpreendentemente novo, uma produção que atravessa gerações mantendo sua força.

⁷Lacan (1946/1998), p. 194